

FELICIANO

© 2021, A.M. Pires Cabral
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 – E. 10
1750-149 Lisboa
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Feliciano*
Autor: A.M. Pires Cabral
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Távares)

1.ª edição: Junho de 2021

ISBN 978-989-671-613-4
Depósito Legal n.º 483421/21

A.M. PIRES CABRAL

feliciano



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXXI

À minha Mulher,

*que com a sua força,
coragem e dedicação
fez com que este meio século
parecesse meia dúzia de anos.*

NOTA PREAMBULAR

Parto para a grande aventura que é escrever um livro assediado de dúvidas e indecisões. A célebre angústia da página em branco (ou do ecrã em branco), de que tanto se fala... Embora tenha já feito gemer prelos algumas dezenas de vezes, as mãos tremem-me como se fosse a famigerada e intimidatória primeira vez. Na verdade, é grande atrevimento começar um livro sem saber — isto é rigorosamente verdadeiro — como o vou acabar. Confesso, com toda a humildade de que sou capaz, que nem sequer decidi ainda o que vai sair daqui: se um romance, se apenas uma novela, ou se, abaixando ainda mais a fasquia, um simples conto.

(Há até uma parte de mim que preferia que escrevesse um ensaio, embora assumindo algumas características próprias da narrativa, para o tornar mais legível. De facto, vendo bem, há qualquer coisa de case study naquilo que tenho para contar. Mas escrever ensaios exige um rigor académico e uma profundidade que, confesso, não estão ao meu alcance, pois, aí de mim, sou por natureza dispersivo e superficial.)

Do mesmo modo, ainda não decidi por que registo optar: cómico? dramático? picaresco? austero? irónico? outro? todos? nenhum?

Nesta hora da partida, ponho-me a conferir o material de que disponho e com o qual planeio construir uma obra literária. Pois bem. Disponho de uma personagem central (e centrípeta): Feliciano Boaventura Baeta Carvalhais, de quem fui colega de carteira no Externato Moderno de Trigais, do famigerado e temido Dr. Sousa Girão, e amigo compadecido. Disponho de uma mão-cheia de episódios protagonizados por Feliciano

que um amigo comum me foi contando pelo telefone. Disponho, por fim, de uma certa facilidade de efabulação, fruto da experiência colhida no carpintear de tantos livros que levo publicados. E não disponho de mais nada — a não ser, talvez, da benevolência do Leitor, coisa que, em todo o caso, um escritor não deve ter nunca por garantida. Por isso, e vistas as características da história a contar, é mais que certo que sucumbirei por vezes à tentação de ser chocarreiro; outras vezes à tentação de ser cabotino. E tudo isto me enleia e me intimida, quase como se eu fosse um principiante nestas lides.

Por isso, tomo desde já uma corajosa decisão. Servindo-se embora da minha mão, do meu vocabulário, da minha oficina e do meu conhecimento de como as coisas se passaram, estou disposto a deixar que o livro de quando em quando se vá escrevendo a si próprio, da mesma forma que o caminho se faz caminhando, como sugere António Machado, o robusto poeta de Sória. Trocado por miúdos, quero dizer com isto que não tracei qualquer plano prévio a que tenha de me ater, nem estabeleci uma hierarquização das pequenas histórias parcelares que se fundem entre si para constituir a história grande. Quero dizer ainda que não haverá qualquer preocupação em respeitar a ordem cronológica dos acontecimentos, e que por isso se vão verificar na acção saltos em frente alternando com recuos, ao sabor de estímulos aleatórios. As coisas puxarão umas pelas outras, como se diz que as cerejas fazem.

No final se verá se a obra — venha ela a ser conto, novela ou romance — valeu ou não valeu o tempo investido nela.

É este o meu estado de espírito ao pôr o indicador direito sobre a tecla P, letra com que principia esta nota preambular.

Enfim, quando estou prestes a começar a contar a pasmosa e muitas vezes comovente história da vida de Feliciano, devo prevenir de que essa história é rigorosamente falsa. Por isso, Leitor, não acredite de cada vez que me veja — e vai ver-me muitas vezes, ao longo do livro — garantir a pés juntos a veracidade da história. Não acredite. Não é esta

dialéctica entre verdade e fantasia a própria essência da literatura de ficção?

E agora, sim, vamos ao que importa. Isto é, à história.

CAPÍTULO I

Como se começam as coisas — O carro à frente dos bois — Unidos pelo matrimónio — Boda molhada, boda abençoada — Nasce um bonito pimpolbo — Nome, precisa-se — Um padre que profetiza e falha — Fala-se pela primeira vez de Madame Malapata

As coisas devem começar-se pelo princípio. Este preceito, de geral validade, nem sempre se aplica no peculiar mundo da literatura narrativa (de ficção, parece que dizem agora), em que o escritor se arvora em demiurgo sabichão e age como tal, e se sente no direito de subverter a seu capricho a ordem dos acontecimentos e pode perfeitamente começar a contar uma história pelo meio, ou mesmo pelo fim. Não é o meu caso, que fui educado no acatamento de todos os tipos de ordem, e por isso vou contar o que tenho a contar começando no princípio. E o princípio não pode ser outro senão o momento da concepção do protagonista da história, alguns meses antes do enlace matrimonial dos respectivos progenitores.

Assim se fará enquanto estiver eu aos comandos da escrita; quando for o livro a escrever-se a si próprio, que faça lá como muito bem entender.

Comecemos, pois, pelo princípio.

Foi assim —

*

Esta é a história de Feliciano Boaventura Baeta Carvalhais, que foi concebido uns quatro meses antes de Delfim Carvalhais, seu pai, desposar Serafina das Neves Baeta, sua mãe, em cerimónia que teve lugar no dia 13 de Novembro de 1940, na igreja matriz da

pequena vila de Trigais (1536 habitantes, segundo o último censo). Fazendo jus à reputação do mês de Novembro, esse foi um dia de chuva persistente e arreliadora, mas por outro lado recebida com resignação e até com esperançosa expectativa, porque na vila as pessoas acreditam que chuva na boda é sinal de sorte para o resto dos dias do casal. «Boda molhada, boda abençoada», assim reza um velho ditado popular.

Cinco meses menos uma semana depois do casamento, a 6 de Abril de 1941, no hospital de Trigais, nasceu-lhes um indivíduo do sexo masculino, que mostrava desde logo ser diferente do comum dos recém-nascidos. Porque não vinha engelhado e enebado, como é próprio de quem acaba de chegar a este mundo vindo do aconchego materno. Até o médico que assistiu ao parto, Dr. Filinto Neiva, deixou escapar um brado de admiração:

— Ena!

É que, nos quase 40 anos que levava de profissão, nunca tinha visto criança tão mimosa e rechonchuda logo ao sair do ventre da mãe. Parecia — explicaria ele mais tarde na roda dos amigos, à mesa do Café Montanha — um daqueles anjos de talha muito rubicundos que ornamentam e dão vida ao altar-mor da igreja da vila. A enfermeira que o ajudava no parto secundou a admiração do médico: também ela nunca tinha visto tal coisa. Por sua vez, Serafina, a ditosa mãe, a quem chegaram o recém-nascido para que visse bem como era bonito e desenxovalhado, estava ainda demasiado exausta dos puxos do parto para poder emitir um comentário. Mas revirou os olhos ao céu em sinal de gratidão — o que já era dizer alguma coisa. Finalmente, Delfim Carvalhais, o pai, que esperava com impaciência, no corredor, os primeiros berros do choro estridente do bebé a anunciar a chegada, foi chamado a ver o prodígio, mas a emoção roubou-lhe as palavras, substituiu-lhas por uns olhos humedecidos.

Que lindo menino! Ninguém diria que criança tão bonita e recebida com tanta emoção viria a ter o futuro que teve.

Mas convém não nos apressarmos. *Festina lente*, dizia-se em Roma. «Devagar que tenho pressa», diz-se na vila de Trigais. E ambos os dizeres apontam para o mesmo: a pressa é má conselheira.

Expliquemos primeiro a razão por que Feliciano Boaventura nasceu uns quatro meses mais cedo do que devia, se tivessem sido respeitadas as leis da gestação humana e os preceitos da castidade. Isto é: se os pais não tivessem posto «o carro à frente dos bois», como se dizia com alguma graça em Trigais a propósito de casos como este.

Vejamos como aconteceu.

Foi assim —

*

Delfim Carvalhais tinha então 26 anos, e era comerciante estabelecido com mercearia desde os 22. Mais adiante veremos por que porta entrou tão jovem na vida comercial.

Serafina das Neves tinha 21 e nenhuma profissão.

Acontece que a loja de Delfim Carvalhais ocupava, por arrendamento, os baixos da casa de habitação de uma tal D. Aninhas Caldeira. Era esta senhora uma velhota ricaça e valetudinária, viúva de um médico falecido na flor da idade e madrinha de Serafina.

Nos fundos da loja, havia uma porta que dava para o quintal nas traseiras da casa, e desse quintal se podia subir ao andar principal por uma escadaria de granito. Nada de invulgar nesta porta, antes pelo contrário. Quem constrói uma casa com rés-do-chão e primeiro andar, é perfeitamente natural que preveja alguma forma de comunicação entre os dois pisos. No caso, a forma de comunicação era essa porta.

Mas, para evitar abusos de qualquer das partes, no contrato de arrendamento, D. Aninhas Caldeira, senhoria, e Delfim Carvalhais, inquilino, comprometeram-se a manter fechada à chave e jamais transpor aquela porta. Donde decorre que nem Delfim Carvalhais teria acesso ao quintal, nem D. Aninhas Caldeira teria acesso à loja. E, como eram ambas pessoas de bem e respeitadoras, a porta não se abriu durante muito tempo. Nem se lembravam de que havia porta.

Mas as portas foram feitas para se abrir quando é preciso, e assim aconteceu com aquela. Vejamos as circunstâncias.

Foi assim —

*

D. Aninhas Caldeira, que vivia só e era enfermiça, gostava muito da afilhada Serafina e mandava-lhe recado muitas vezes para que viesse fazer-lhe um pouco de companhia. Serafina vinha. Tomavam chá, conversavam. No Verão, sentavam-se num pequeno terraço que a casa tinha, coberto por uma latada que garantia frescura; no Inverno, preferiam sentar-se numa sala interior, aconchegadas à braseira. Umhas vezes por outras, se acontecia os padecimentos de D. Aninhas estarem mais assanhados ou D. Aninhas estar mais ansiosa, Serafina passava a noite com ela, fazendo as vezes de enfermeira. Lia-lhe páginas do livro *Os Contos do Tio Joaquim*, de um tal Rodrigo Paganino, única coisa impressa que havia naquela casa, e D. Aninhas ria a bandeiras despregadas. Semanalmente, a afilhada cortava-lhe as unhas dos pés e aparava-lhe as calosidades nas plantas dos pés, que eram motivo de grandes padecimentos da pobre senhora. Cortava-lhe o cabelo, lavava-lho, penteava-lho. D. Aninhas gostava de receber todos esses cuidados e, quando estava precisada, chamava a afilhada, que não se fazia rogada. Os próprios pais da moça deixavam-na ir e incitavam-na

mesmo a cultivar a gratidão da velhota. Pudera. A madrinha tinha parentes no Porto de quem dizia o pior. Os pais de Serafina inferiam daí que os bens da velhota dificilmente iriam parar ao Porto. E, discretamente, sem dar a entender as suas expectativas, Serafina ia urdindo com carinhosas atenções uma candidatura silenciosa à herança. Na vila, toda a gente considerava Serafina herdeira putativa e muitos a invejavam por isso.

Quando não havia clientes, Delfim Carvalhais gostava de vir arejar para a porta da loja. Via muitas vezes Serafina chegar e fazia por vê-la também ir embora ao fim da tarde. É que, aos 26 anos, estava em boa idade de procurar esposa, e a rapariga fazia-lhe conta. Era vistosa e sã, não se lhe conheciam fomas nem enredos de namoro e parecia corresponder com um sorriso recatado ao tímido cumprimento com que ele, a partir de certa altura, começou a saudá-la.

E o que ia na cabeça de Serafina? Tão-pouco lhe era indiferente aquele comerciante jovem e simpático. O sorriso a princípio recatado que referimos foi-se alargando num sorriso cada vez mais aberto. Pelos mecanismos próprios destas coisas, a atracção mútua foi crescendo e a partir de certa altura Serafina parecia vir mais atraída por Delfim Carvalhais do que pelo chá, pela herança e pelas calosidades da madrinha.

Até que um dia...

Foi assim —

*

Melhor: até que uma noite a porta dos fundos da loja se abriu, e por ela entrou Serafina, que deixara a madrinha adormecida. E a porta abriu-se ainda uma segunda e terceira vez. E depois todas as vezes que foram precisas. Confirmou-se ali até à saciedade a bondade do profiláctico aforismo «O lume ao pé da estopa, vem o diabo e assopra», muito usado em Trigais.

Delfim era o lume e Serafina a estopa, ou vice-versa, é indiferente, e nessa noite em que a porta se abriu pela primeira vez veio o diabo e assoprou. Assoprou ainda várias vezes, por entre juras dos pombinhos. Na verdade, o gosto deles é que o diabo estivesse sempre a assoprar. Até que deu o assopro mestre, aquele que ia alterar para sempre o estado das coisas e o destino dos namorados. Num daqueles encontros furtivos, com D. Aninhas a ressonar no piso superior, Delfim achou Serafina mais fria, menos apaixonada do que de costume. Perguntou-lhe o que tinha e ela, agora entre lágrimas, respondeu que lhe tinham faltado as regras. Estava grávida.

Delfim disse então:

— Pois então alegre-te, Serafina, não te amofines. Lembra-te que estás comigo, e eu não sou homem para fugir às minhas responsabilidades. Vamos pegar o touro pelos cornos. Mas primeiro tenho que saber: queres casar comigo?

Não queria Serafina outra coisa.

— Então, levanta-me essa cabeça. E trata-me bem do que trazes aí na barriga: é o nosso filho ou a nossa filha.

Serafina, grata, beijou-o apaixonadamente. Tinha regressado, com as palavras tranquilizadoras de Delfim, ao seu natural de fogo.

E tudo correu sem sobressaltos. Renunciaram aos amores clandestinos e passaram a namorar-se às claras. E fizeram saber que iam casar. E, como vimos, casaram mesmo.

Foi assim que aconteceu e é assim que verdadeiramente começa a história de alguém que virá a chamar-se Feliciano Boaventura Baeta Carvalhais.

Voltemos a esse, o tal indivíduo do sexo masculino que lhes nasceu a 6 de Abril de 1941. O facto de ser do sexo masculino deixou-os um pouco desgostosos, porque tanto Delfim como Serafina desejavam muito que fosse uma menina, e até tinham já escolhido nome para ela: Feliciano. Pessoas cordatas e tementes a Deus que eram, acomodaram como puderam o desapontamento. O raciocínio era primário, mas funcionava: se Deus, que é quem comanda estas coisas, lhes mandou um menino, é porque achou bem que tivessem um menino. Caso contrário, ter-lhes-ia mandado uma menina. Deus é que sabe o que convém ou não convém aos mortais, e a estes cabe conformarem-se com o que Deus determina.

Quando foi preciso escolher nome para o menino — coisa em que jamais tinham pensado, tal era a fé de que, pendurada no bico, a cegonha lhes traria uma filha —, andaram no ar propostas como Félix ou Valentim ou Frederico ou Fortunato ou mesmo Acúrcio (Serafina tinha um tio-avô chamado Acúrcio). Toda a gente do seu círculo de parentes e amigos deu palpite. Nenhuma das propostas colheu unanimidade: ora Delfim ora Serafina torciam o nariz a todas as sugestões. Até que aconteceu o eureka: porque não passar Feliciano para o masculino? Foi sugestão do pai; a mãe concordou, e propôs o sobrenome de Boaventura. Boaventura? Porquê? Porque achava que combinava bem com Feliciano. Era uma espécie de reforço. Uma pressão sobre o futuro, para que fizesse o menino feliz. Pois seja. E a criança recebeu o auspicioso nome de Feliciano e o sobrenome não menos auspicioso de Boaventura. Feliciano Boaventura Baeta Carvalhais.

Feliciano foi baptizado em 14 de Junho de 1941. O baptismo, à boa maneira da pequena vila, foi seguido de um banquete a que concorreram os parentes, os amigos e as pessoas que poderiam influir beneficemente no destino da criança.

Já na parte final do repasto, momento em que sempre há quem tome a palavra para dois ou três lugares-comuns avinhados, o padre Inácio Bulas tomou a palavra para dizer:

— Este menino, pelo nome e sobrenome que traz, está sem dúvida destinado a ter sorte na vida. Há-de ganhar a lotaria, e mais de uma vez. Podem escrever o que eu digo.

Etc.

Cabe aqui dizer que o reverendo Inácio Bulas, pároco da vila de Trigais, adorava fazer profecias para o futuro das crianças que ajudava a entrar no grémio da Santa Madre Igreja pela porta do baptismo, ou para o futuro dos noivos que pronunciava marido e mulher. Nem que Isaías ou Jeremias ou Malaquias ou algum outro profeta do Velho Testamento tivesse reencarnado nele! Não resistia: na boda, à hora dos brindes, desse lá por onde desse, tinha de formular o seu presságio. Quando se levantava para falar e tilintava com uma colher no copo, a pedir silêncio, as pessoas já sabiam que vinham profecias a caminho. Estatisticamente eram muitas mais as vezes em que o reverendo errava as previsões do que aquelas em que acertava. Mas nem por isso se dispensava de as fazer. E, como pessoa generosa que era, os seus vaticínios prometiam sempre futuros ridentes: nunca profetizava desgraças. A verdade é que já ninguém o levava a sério. Apesar do *tlim-tlim* da colher no copo, as pessoas continuavam a falar e a rir, como se não estivesse ninguém no uso da palavra, até que o orador exclamava irado:

— Porra! Falo eu ou chia um carro?

(O padre Bulas permitia-se às vezes usar certas palavras que no confessional proibida aos fregueses. Só assim obtinha silêncio e ambiente para as profecias.)

No caso que vimos tratando, enganou-se uma vez mais o reverendo Inácio Bulas. Enganou-se redondamente. E não só naquela profecia da lotaria ganha por mais de uma vez. Enganou-se em tudo o mais que disse. Porque pode dizer-se que Feliciano Boaventura nunca conheceu a felicidade nem ganhou a lotaria sequer uma vez. Bem pelo contrário: na memória da vila, incluindo a memória dos mais velhos, que já viram tudo, nunca houve na vila indivíduo tão tenazmente desafortunado como esse pobre Feliciano que partiu para a vida municiado com um nome tão esperançoso e que da vida não recebeu senão agravos e infortúnios. «Coices», dizia ele, mais tarde. Tais e tantos, que ele próprio, em momentos em que, apesar da sorte mofina, ainda encontrava forças para gracejar — um gracejar azedo, bem entendido —, gostava de dizer:

— Quem me pôs este nome melhor fora que me tivesse posto Infeliciano Desventura.

E ria-se. Um riso triste, azedo. Nem chegava bem a ser riso, era mais um esgar. Várias vezes o ouviram lamentar-se com uma frase feita que a vila de Trigais usava em tais circunstâncias:

— A minha sorte é como a dos cães entalados.

Era o cúmulo: não era possível imaginar sorte mais madrasta do que a dos cães entalados.

Com efeito, é extenso o rol das desgraças que foram atingindo Feliciano ao longo da sua curta existência de 33 anos. Passaremos em seguida algumas páginas a falar disso. Por limitação de espaço, falaremos só de coisas maiores, aquelas que constituíam como que picos de serrania num quase ininterrupto planalto de infortúnios — as arremetidas de Madame Malapata, para usarmos uma imagem que o próprio Feliciano passou a usar a partir de certa altura.

Convém explicar. Malapata é um termo do calão que significa pouca sorte. Madame está ali só como apoio para Malapata: evoca

um certo quê de cartomante, remete para o mundo das ciências ocultas — e haverá coisa mais oculta do que a sorte e o azar? Esta Madame Malapata que Feliciano inventou era uma personificação da má sorte, como se fosse uma espécie de fada má, ou de madras-ta, ou — pior ainda — uma espécie de madrinha virada do avesso, que, em vez de proteger e favorecer o afilhado, o prejudicou sistematicamente pela vida fora com acintosa contumácia, até ao fim que veremos. Madame Malapata, sendo embora uma criação virtual, era o inimigo número um de Feliciano.

A.M. PIRES CABRAL nasceu em Chacim, Macedo de Cavaleiros, em 1941. Licenciou-se em Filologia Germânica. Foi professor e animador cultural, responsável pela participação de Vila Real no Projecto 5.2 do Conselho da Europa («Políticas Culturais nas Cidades») e co-organizador das Jornadas Camilianas de Vila Real. É conhecido sobretudo como ficcionista e poeta.

Na área da ficção, publicou até ao momento oito livros de contos e seis romances, tendo ganho o Prémio Círculo de Leitores (com *Sancirilo*), o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco (com *O Porco de Erimanto*) e o Grande Prémio de Literatura DST (com *O Cónego*).

Na área da poesia, estreou-se em 1974 com *Algures a Nordeste* e publicou até hoje 19 títulos. Foram-lhe atribuídos os prémios D. Dinis (com *Que Comboio é Este e Douro: Pizzicato e Chula*), Luís Miguel Nava (com *As Têmporas da Cinza*) e PEN Clube (com *Arado*).

Tem textos traduzidos para alemão, castelhano, catalão, esloveno, francês, húngaro, inglês e italiano.



F E L I C I A N O

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica Lda,
sobre papel Coral Book de 80 g,
em maio de 2021.